

MODELO DE ESCOLA IDEAL: representações de estudantes e professores do IFC/Câmpus Camboriú¹

Keven Moreira Prates²; Sônia Regina de Souza Fernandes³

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trata de uma questão central no campo da Educação, a problemática da Escola e sua representação de ideal institucional – enquanto lugar de socialização e apropriação do conhecimento historicamente produzido e acumulado. Ao refletirmos sobre o que seria uma escola ideal, necessariamente nos perguntamos sobre o que é Educação? Para qual sociedade? E qual o seu papel social/educacional no século XXI?

O atual contexto histórico, social e cultural direciona para a necessidade de uma transformação do consagrado “velho” modelo de escola. As pesquisas pedagógicas demonstram cientificamente que

[...] aquilo que percebemos pela nossa observação atenta no cotidiano da escola: a situação atual em sala de aula, em grandes linhas, pode ser caracterizada como baseada na metodologia tradicional, de cunho academicista, uma vez que a pedagogia liberal tradicional é viva e atuante em nossas escolas [...] sendo que esta se aproxima mais do modelo dominante de escola predominantemente em nossa história educacional. (VASCONCELOS, 1999, p. 17)

Além disso, ao refletir sobre a escola e a sua relação entre os paradigmas científicos e as formas de organização do currículo, compreendemos que “[...] a forte presença do paradigma da ciência moderna na sociedade ocidental acabou por cristalizar a forma tradicional de currículo, vendo-a como uma única possibilidade de organização” (CUNHA, 1998, p. 197).

Esse trabalho pretende conhecer as representações dos estudantes e professores do Instituto Federal Catarinense/Câmpus Camboriú sobre o que seria uma escola ideal para o atual século. Estudos nessa perspectiva (CANÁRIO, 2006) indicam que a ideia de crise e de ineficiência da escola na contemporaneidade, independentemente das condições econômicas e sociais, é algo geral no mundo todo, e que tal sentimento ou ideia se traduz pelos altos índices de analfabetismo

¹Bolsa PIBIC/CNPq/EM/Edital 099/2012

²Aluno do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Catarinense – Câmpus Camboriú. Curso Técnico em Turismo e Hospitalidade. E-mail: vinho_bc@hotmail.com

³Professora Orientadora do Instituto Federal de Educação. Ciência e Tecnologia Catarinense – Câmpus Camboriú. Curso de Pedagogia. E-mail: sonia@ifc-camboriu.edu.br

funcional, pela falta de condições concretas do trabalho docente, compreendidos pelo autor e outros estudiosos como “proletarização” da profissão. Além dos aspectos citados, acrescenta o autor o crescente descaso ou desinteresse por parte dos alunos em relação aos estudos e, da mesma forma, dos docentes em relação ao ensino, no conjunto desse sentimento de crise.

A problematização do sistema educacional vigente e da instituição escola, bem como sua função social, se coloca no contexto da denominada “crise” de sentido (CANÁRIO, 2006). De acordo com o autor, o século XX foi marcado pelo triunfo do projeto de escolarização. Mas esse mesmo século pode ser visto como um período de barbáries que tiveram, na Europa civilizada e escolarizada, as suas expressões máximas. Entretanto, as expectativas criadas em torno da escola e da sua relação linear com o progresso, a razão e a justiça social, correspondem ao desencanto gerado. Ainda para o autor a escola, por estar baseada em um saber cumulativo e revelado, é, hoje, obsoleta e sofre de um déficit de legitimidade, na medida em que faz o contrário daquilo que promete, originando legiões de insatisfeitos. Em um espaço temporal relativamente curto, a escola passou de um “tempo de promessas” para um “tempo de incertezas”.

Dessa forma, perguntar sobre o modelo de escola ideal remete ao conceito de ideal, que problematizamos a partir do livro *O que é educação?*, onde consta o trecho de uma carta escrita pelos índios norte-americanos:

(...) Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é mesma que a nossa... Muitos de nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida na floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome... Eles eram, portanto totalmente inúteis. (BRANDÃO, 1995, p. 2)

Essa passagem nos ajuda a perceber que ideal é algo mutável e dependente de muitos fatores como cultura, economia, política, sociedade, contexto histórico, e portanto, só compreendido a partir do contexto de produção e de sentido. É possível perceber que a organização da escola também tem sido um problema.

Para compreender o que pensam os sujeitos sobre o tema da pesquisa, buscamos em Chartier a elucidação do conceito de representação.

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos

grupos que as forjam. (CHARTIER, 1990, p. 17, apud CARVALHO, 2005, p. 149).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi dividida em duas etapas, a primeira constitui-se numa revisão de literatura, afim de que pudéssemos conhecer as produções já existentes em torno do tema e da problemática de pesquisa. A segunda voltou-se para a dimensão empírica no ano de 2012, a qual envolveu os sujeitos da pesquisa - professores e estudantes do 1º aos 3º anos do ensino médio técnico integrado do IFC/Câmpus Camboriú. Os dados foram recolhidos por meio de questionário, com perguntas abertas e fechadas. A amostragem foi constituída de 135 estudantes (três turmas por ano, sendo 15 respondentes por turma – de forma aleatória). Quanto aos professores, foram entrevistados três por curso, sendo um de cada matéria/disciplina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os dados foi possível levantar várias questões a cerca do entendimento dos sujeitos da pesquisa sobre o que é ideal e uma escola ideal. Os questionários aplicados dividiam-se em três blocos, o primeiro buscava dos entrevistados, através de perguntas abertas, uma visão mais geral com relação as suas representações do que seria algo ideal. O segundo, já mais específico e de maneira fechada, onde as respostas eram dadas através de conceituação numérica, tinha como objetivo identificar como estudantes e professores avaliavam as estruturas tanto físicas quanto de ensino do Instituto. O terceiro bloco consistia em apenas uma pergunta aberta que queria saber dos estudantes e professores o que seria necessário para tornar o IFC - Campus Camboriú em uma escola ideal. Para esse trabalho, foi considerado apenas o primeiro bloco de perguntas.

O primeiro questionamento feito aos entrevistados era qual a definição que eles tinham de algo ideal. A partir das diversas respostas que foram dadas, foi possível identificar as palavras e termos que apareceram com maior frequência, como: *atender, necessidades, quase, perfeito, todos*. Assim, de forma geral, pode-se dizer que para os sujeitos da pesquisa, ideal é *algo que atende às necessidades da sociedade, sendo perfeito, ou, quase perfeito e que agrada e beneficia a maioria*. Aqui é possível perceber o entendimento do que é ideal, indicando que veem o ideal como algo possível, mesmo que não totalmente, mas que ainda assim pode existir. Mas também houve casos em que o ideal foi colocado como algo inalcançável ou inexistente, representação esta indicada por uma minoria dos sujeitos da pesquisa.

Já o segundo questionamento, buscava dos estudantes e professores suas representações sobre o que seria uma escola ideal. Usando o mesmo método de análise anterior, encontramos alguns termos que se apresentam varias vezes ou que se destacaram entre as respostas.

De acordo com as respostas dadas, uma escola ideal *seria uma escola com qualidade de ensino, bem estruturada e organizada, com bons professores e estudantes exemplares, que incentivasse a autonomia, estimulasse as atividades, a liberdade de expressão, os esportes, que possuísse um bom desenvolvimento cultural, com a boa convivência que garantisse a igualdade entre estudantes e professores, sem “abusos de poder” e burocracias, e que também permitisse a seus membros momentos de prazer.* Dentre as respostas, uma chamou muito a atenção - *onde professores e estudantes tivessem o mesmo valor, onde não se levaria apenas a opinião de um adulto em conta e todos pudessem decidir.* Desta resposta, podemos extrair a necessidade que as escolas e organizações de ensino enfrentam hoje de ser um local mais democrático.

As questões 3 e 4 inquiriram sobre o que seria para eles um professor e um aluno ideal, respectivamente. Ouvimos que professores ideais *são aqueles dinâmicos, que conseguem transmitir o conhecimento para todos, mas que também são humildes e companheiros, que com paciência conseguem o respeito dos estudantes, que também os respeitem, que conseguem trazer sempre novos métodos de ensino para as salas de aulas, que têm pulso firme e que prepara o aluno para o futuro, que se preocupa com o futuro do aluno. São aqueles que são mais que professores, são amigos, motivadores, inovadores, que passam da fria relação de trabalho para uma relação de prazer pelo que faz.*

Já, as representações de estudantes ideais, indicam *aqueles que são cativantes, interessados, que tem gosto pela pesquisa, que são curiosos, que estão sempre dispostos a aprender, que são sérios mas sem perder o olhar de criança, um olhar sonhador, sempre inspirados e motivados a mudar o mundo.* Em síntese, essas são as representações de ideal apresentadas pelos estudantes e professores do IFC - Campus Camboriú, algumas podem ser vistas um tanto quanto utópicas, e para outros, apenas as necessidades apresentadas pelo sistema de ensino que temos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições teóricas e as representações de escola ideal dos sujeitos dessa pesquisa, em especial para a contemporaneidade, indicam que, para constituirmos uma “Escola Ideal”, se faz necessário pensá-la a partir do que

Vasconcellos (1999, p. 21-22) alerta, ou seja, sem a superação do “obstáculo epistemológico” e do “peso histórico” da concepção tradicional de educação, que tem suas origens na concepção clássica (Antiguidade) ou na escolástica (Idade Média) num processo que não leva em conta as contribuições das ciências pedagógicas contemporâneas, corre-se o “[...] alto risco da não aprendizagem, em função do baixo nível de interação sujeito-objeto de conhecimento-realidade [...]”, isso do ponto de vista pedagógico. Outro aspecto apontado pelo autor é o ponto de vista político, que funciona como um mecanismo de seleção social, formando um homem passivo, acrítico, uma vez que reforça a classe social dominante como a mais capaz de realizar operações e pensamentos mais abstratos. Tais dimensões poderiam na análise do autor, constituir-se num obstáculo para o educador construir o novo, em nossas palavras, a escola para o século XXI. Por fim, sem a intenção de finalizar a reflexão, recorremos a Freire (apud ARRUDA, 2006, p. 4) em sua linguagem poética, porém não menos exigente epistemologicamente, em torno da Escola como:

[...] sendo um lugar onde se faz amigos, [...] gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão [...] nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Nalini I.L. **Atividade de ensino-aprendizagem de língua inglesa: desafios na construção da cidadania.** 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em Língua Aplicada e Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Língua Aplicada e Estudos de Linguagem, Pontifca Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, Coleção. Primeiros Passos, 1995.
- CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CARVALHO, Francismar A. L. de. O conceito de representação coletiva segundo Roger Chartier. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v.9,n.1, p.143-165, 2005.
- CUNHA, M. I. **O professor universitário na transição de paradigmas.** Araraquara: JM, 1998.
- VASCOLCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 1999. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; 2)